

## **A ADAPTABILIDADE QUE É O ‘PENSAR AULAS DE GEOGRAFIA’: UM RELATO DE EXPERIENCIA DE ESTÁGIO**

Jéssica Gerente  
Carolina Datria Schulze

**Palavras-chave:** Prática de ensino. Planos de aula. Objetos.

Até que ponto o clichê “Geografia, uma ciência holística” pode ser aplicado em sala de aula com o viés de planejamento de prática de ensino? Talvez parte desta resposta relacione-se a uma capacidade de “fazer interações” – outro clichê geográfico comum – do professor que está na frente de sala, como também de sua capacidade de instigar os alunos a fazerem estas interações. Qual seria o limite entre algo ser ou não geográfico? Seria somente a espacialização que transforma um objeto em geográfico, ou outros elementos, os quais não necessariamente na condição de “especializados”, possuem os pré-requisitos necessários para ganharem este enquadramento? Estas questões nortearam a experiência de estágio aqui relatada. Foram dois meses compondo um total de 18 encontros com uma turma do 7º ano do colégio Aplicação/UFSC. Para que os encontros-aulas acontecessem foram também algumas madrugadas dedicadas à elaboração das aulas, e outros tantos sonos que se foram em razão da ansiedade e expectativa do que viria. Os questionamentos das primeiras linhas deste texto surgiram da reflexão de como as aulas ministradas neste estágio foram planejadas. Através destas dúvidas – as quais naquele momento ainda implícitas – que o norte das aulas foi tomado. Através de um desafio colocado pela professora orientadora de estágio, Ana Maria Preve (FAED-UDESC), que foi montada toda a estruturação das aulas e conteúdos que seriam trabalhados. Este desafio foi criado em uma aula preparatória para prática de ensino, onde a professora entregou aos estagiários uma sacola com objetos aleatórios para que cada dupla pegasse um deles e a partir daí pensasse as aulas, no caso das autoras o objeto foi um preservativo masculino. O desafio foi encarado e todo o planejamento das aulas girou entorno deste objeto. Este exercício responde “sim” às perguntas acima indagadas, é possível sim pensar geografia a partir de um objeto, mesmo que não especializado e que em um primeiro momento possa não representar algo concreto. A geografia possui o diferencial “mundo/realidade” que possibilita percursos alternativos ao mesmo fim. Nesta experiência, questões que dizem respeito diretamente à camisinha – como as DST’s, gravidez e sexualidade – não foram o foco das aulas, e sim, uma questão mais ampla resumida em uma palavra: risco. Nas primeiras regências introduziram-se conceitos de risco, dando bases para uma transição gradual que discutiu assuntos básicos de geomorfologia fluvial (rios). Concluído este, um desenho em quadrinhos que relatava uma cidade alagada e um campo com a terra seca, deu margens à outra transição, que passou para rural-urbano, e que a partir deste, voltou-se finalmente aos “riscos”, e deles, ao preservativo. Desta forma, percebeu-se empiricamente o quanto o ensino de geografia pode ser pensado a partir de objetos da nossa cultura cujas potencialidades de abordagem nem sempre estão estampadas na sua face. É preciso encontrá-las e foi neste sentido que o processo de produção de aulas de geografia no estágio foi motivado.